

Psicanálise no Brasil: um estudo historiográfico sobre sua evolução e consolidação nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Íluri Yrving Müller da Silva, Dr. em Psicologia pela Unesp /Assis/SP, professor do curso de Psicologia do Unifadap/Tupã. psicologia.coordenadoria@fadap.br
Jorge Luís Ferreira Abrão, Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Unesp/Assis/SP.

Prof^a Luana Valera Bombarda, Ma. em Saúde Coletiva pela Unesp/Botucatu/SP, professora do curso de Psicologia do Unifadap/Tupã/SP. luana.bombarda@fadap.br

Resumo: O interesse pela psicanálise no Brasil começou no final do século XIX, com Juliano Moreira, mas se intensificou na década de 1920, especialmente entre médicos psiquiatras. O movimento ganhou força com a criação de sociedades de psicanálise, inicialmente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, permitindo a aplicação terapêutica das ideias de Freud. O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas contribuições para a história da psicanálise no Brasil, discutindo alguns aspectos da implantação, do desenvolvimento e da consolidação dessa ciência e profissão em nosso país. Para a execução de tal tarefa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com metodologia histórico-crítica sobre a produção psicanalítica acerca do tema, produzida em nosso país. Inicialmente, são feitas algumas considerações relativas ao surgimento da psicanálise no Estado de São Paulo. Em seguida, discorre-se acerca do desenvolvimento da área, no Estado do Rio de Janeiro. Finaliza-se o artigo, discutindo como esses desenvolvimentos mostraram a importância da psicanálise, em várias áreas do conhecimento no Brasil, refletindo tanto um contexto cultural rico, quanto as tensões entre psiquiatria e psicanálise. Conclui-se que a História da Psicanálise, em ambos os estados, percorreu caminhos semelhantes e que tal estudo serve de base para o aprofundamento da historiografia da psicanálise brasileira.

Palavras-chaves: Historiografia. Psicanálise. Brasil.

Psychoanalysis in Brazil: a historiographical study of its evolution and consolidation in the states of São Paulo and Rio de Janeiro.

Íluri Yrving Müller da Silva, Dr. em Psicologia pela Unesp /Assis/SP, professor do curso de Psicologia do Unifadap/Tupã. psicologia.coordenadoria@fadap.br
Jorge Luís Ferreira Abrão, Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Unesp/Assis/SP.

Prof^a Luana Valera Bombarda, Ma. em Saúde Coletiva pela Unesp/Botucatu/SP, professora do curso de Psicologia do Unifadap/Tupã/SP. luana.bombarda@fadap.br

Abstract: Interest in psychoanalysis in Brazil began at the end of the 19th century, with Juliano Moreira, but intensified in the 1920s, especially among psychiatrists. The movement gained strength with the creation of psychoanalysis societies, initially in São

Paulo and later in Rio de Janeiro, allowing the therapeutic application of Freud's ideas. This article aims to present some contributions to the history of psychoanalysis in Brazil, discussing some aspects of the implementation, development and consolidation of this science and profession in our country. To fulfill this task, a bibliographical research was carried out with historical-critical methodology on the psychoanalytic production on the subject, produced in our country. Initially, some considerations are made regarding the emergence of psychoanalysis in the State of São Paulo. Next, the development of the area in the State of Rio de Janeiro is discussed. The article ends by discussing how these developments showed the importance of psychoanalysis in several areas of knowledge in Brazil, reflecting both a rich cultural context and the tensions between psychiatry and psychoanalysis. It is concluded that the History of Psychoanalysis in both states followed similar paths and that this study serves as a basis for deepening the historiography of Brazilian psychoanalysis.

Keywords: Historiography. Psychoanalysis. Brazil.

Os primórdios da psicanálise no Brasil

As ideias de Freud encontraram interesse precoce no Brasil. Foi Juliano Moreira (1899), no final do século XIX, o primeiro teórico nacional a citar o pai da psicanálise. Mas, somente a partir da década de 20 do século passado é que o interesse pela psicanálise contamina os teóricos nacionais, especialmente médicos psiquiatras, que viam na nova ciência, um embasamento teórico-técnico capaz de influenciar as práticas terapêuticas no Brasil (PERESTRELLO, 1986/1992).

Essa parte da história foi marcada por iniciativas pioneiras na divulgação da psicanálise na educação, na antropologia e na literatura, em vários estados do país. Porém, somente com a criação das Sociedades de Psicanálise, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, que a possibilidade de aplicação terapêutica da psicanálise, em toda sua amplitude, tornou-se real.

Percebe-se, desta maneira, que a evolução da psicanálise no Brasil, teve duas fases, indo desde a divulgação de ideias psicanalíticas nos círculos cultural e científico, até a formação de psicanalistas em nosso meio.

Embora contribuições para a divulgação da psicanálise, em nosso país, tenham vindo de vários estados brasileiros, como São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco, abordaremos os pontos principais das origens da psicanálise no Brasil, somente naqueles Estados, em que a psicanálise de crianças teve maior repercussão e desenvolvimento, o que concerne ao nosso objetivo de delinear a produção científica acerca da análise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Para isto, consultaremos os trabalhos de Marialzira Perestrello (1986, 1987, 1991/1992, 1994 e 1995) e

Elisabete Mokrejs (1993), que desenvolveram uma pesquisa minuciosa sobre as origens da psicanálise no Brasil. A riqueza de detalhes encontrada nos trabalhos dessas autoras nos fascina e nos leva a ‘cair na tentação’ de citar todos os dados neles contidos. Restringir-nos-emos, entretanto, apenas à citação dos acontecimentos mais marcantes sobre a evolução da psicanálise nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo correndo o risco de negligenciarmos fatos importantes.

Os Primórdios da Psicanálise em São Paulo

A difusão das ideias psicanalíticas, em São Paulo, iniciou-se com Francisco Franco da Rocha (1864-1933), psiquiatra conceituado, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, além de idealizador e diretor do Hospital Juqueri. Durante a década de 1920, publicou vários trabalhos contendo ideias iniciais de Freud. Entre seus escritos de maior repercussão, encontra-se *O pansexualismo na doutrina de Freud* (1920), cuja nova publicação, no ano de 1930, teve o título abreviado para *A doutrina de Freud*. As primeiras ideias desse autor foram fortemente criticadas, levando-o a ser considerado como louco e a passar por sérios constrangimentos.

Em seguida, surge Durval Marcondes (1899-1981), que recebeu forte influência de Franco da Rocha, do qual herdou grande interesse e entusiasmo pela psicanálise. Marcondes era médico e apresentou seu primeiro trabalho de cunho psicanalítico em 1926, o qual recebeu o nome de “O simbolismo estético na literatura: ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise”. Este trabalho lhe rendeu elogios de Freud, que teve acesso ao artigo.

Baluartes da psicanálise brasileira, Marcondes organizou, em 1927, a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil, que tinha como função promover a divulgação da psicanálise na sociedade paulistana. Prematuramente, a embrionária Sociedade teve sua extinção durante os anos seguintes.

A este acontecimento se junta, em 1928, à publicação do primeiro volume da *Revista Brasileira de Psychanalyse*, que reunia textos psicanalíticos produzidos por autores nacionais, cujo principal objetivo consistia na divulgação dos mesmos. Esta publicação, de maneira efêmera, teve sua extinção, após a publicação do primeiro volume.

Após tentativas de introduzir a psicanálise, enquanto ciência no meio acadêmico e social, Marcondes faz campanha junto à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), para o envio de um analista didata ao Brasil. Após infrutíferas tentativas, fica acertado com Ernest Jones, então presidente da IPA, que a Dra. Adelheid Koch (1896-1980), analista didata habilitada pela IPA, formada pela Sociedade Psicanalítica de Berlim, viria para o Brasil, com o intuito de formar analistas, marcando uma nova fase na psicanálise brasileira, fato que ocorreu em 1936 com a chegada de Adelheid Koch a São Paulo. Com isso, São Paulo passa a ser o foco da psicanálise latino-americana.

Em 1937, forma-se ao redor da Dra. Koch um primeiro grupo de analisandos: Durval Marcondes, Virgínia Bicudo, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e pouco depois Frank Philips e Lygia Amaral.

Este primeiro grupo, em 1943, pleiteia seu reconhecimento junto à IPA. Reconhecimento alcançado no final do mesmo ano, constituído oficialmente em junho de 1944, com o nome de Grupo Psicanalítico de São Paulo.

No ano de 1949, ocorre um crescimento interno do grupo, devido à adesão de novos membros, o que favorece a aceitação do pedido, feito a Jones, em 1945, a respeito da transformação do Grupo Psicanalítico de São Paulo para Sociedade componente da IPA, que se concretiza somente em 1951, durante o Encontro anual daquela Instituição em Amsterdã.

Conquistas externas também contribuíram para a consolidação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tanto no âmbito social, quanto no científico.

Um exemplo de inserção social da psicanálise, e do grupo em si, foi a criação, em 1938, da Seção de Higiene Mental Escolar, vinculada ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Iniciativa de Marcondes, essa seção tinha como objetivo prestar assistência a crianças em idade escolar que apresentassem distúrbios de personalidade e de conduta, tentando, assim, evitar o desenvolvimento de neuroses na vida adulta.

Dentro do campo médico, as conquistas da psicanálise se configuraram de maneira controversa. Apesar de a psicanálise ter se iniciado dentro da Faculdade de Medicina de São Paulo, ela não encontrou mais ressonância nessa Instituição. Este fato se deve à vitória de Antônio Carlos Pacheco e Silva, na disputa pela cadeira de psiquiatria na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco defendia a psiquiatria clássica, combatendo veementemente seu

concorrente, Durval Marcondes, fiel às ideias psicanalíticas. Ao observarmos relatos desta disputa, percebemos nas entrelinhas, que não se tratava de uma disputa pela cadeira de psiquiatria, e sim uma disputa viva até hoje entre psiquiatria e psicanálise (MONTAGNA, 1994).

As consequências deste antagonismo fizeram-se sentir em 1954, quando a Faculdade de Medicina de São Paulo organiza o Primeiro Congresso Latino-Americano de Saúde Mental, no qual se encontraram vários psicanalistas tanto de São Paulo, quanto do Rio de Janeiro. Fizeram-se presentes, também, psicanalistas argentinos como Pichon Rivière e psiquiatras da Instituição promotora do evento.

Os psiquiatras fizeram duras críticas aos profissionais que não possuíam formação médica e exerciam a psicanálise. Confirmando-se que o ataque era à Psicanálise e não aos profissionais que a exerciam, dentro de um antagonismo calcado em disputas científicas e de espaço institucional, que perduram até a atualidade. Apesar destas divergências, a psicanálise encontra amplo espaço para desenvolver-se em São Paulo, conforme destaca Montagna (1994, p. 39):

Neste congresso observamos uma psiquiatria paulista que, ao se mostrar para o continente, não podia prescindir da psicanálise e da experiência de seus participantes, em São Paulo. Mas notamos, também, uma psiquiatria “ciumenta” dos voos próprios do movimento psicanalítico.

Hoje, São Paulo continua sendo o celeiro de expressiva produção psicanalítica brasileira, o que instiga a investigação de novos desdobramentos, mas que não fazem parte deste artigo.

Os Primórdios da Psicanálise no Rio de Janeiro

As primeiras manifestações da psicanálise neste Estado contaram com a contribuição de Porto Carreiro (1887-1937), médico, professor catedrático de Medicina Legal da Universidade do Rio de Janeiro, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, e um apaixonado pela psicanálise. Seu principal êxito repousa sobre a divulgação das ideias freudianas e pela iniciativa bastante precoce da aplicação do método psicanalítico.

Entre seus principais trabalhos de cunho psicanalítico, publicados destacam-se *Ensaio de Psychanalyse* (1929) e *Psychanalyse de uma Civilização* (1933). Outros trabalhos de peso do autor em relação à psicanálise

e à educação, publicou: *A criança problema* (1934) e *A Psicanálise na educação* (1934).

Outro nome importante no desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro foi o de Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949), médico, professor de Antropologia e Etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, professor de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal, e chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO. Também chefiou a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, órgão ligado ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. Homem erudito, Pereira dominava as línguas inglesa, francesa e alemã, o que lhe garantiu relativa facilidade para entrar em contato com os textos de Freud e de seus seguidores, sem ter que recorrer a traduções e comentários. Entre seus principais escritos psicanalíticos encontra-se: *Sordície nos alienados: ensaio de uma psicopatologia da imundície* (1928).

Convicto da importância da psicanálise para a compreensão da conduta humana, Pereira explorou a obra de Freud, tentando compreender a lógica inerente às diferentes manifestações do ser humano, indo desde a loucura até o folclore, passando pelo comportamento infantil.

Em bons termos, a produção psicanalítica no Rio de Janeiro foi bastante rica e eclética, passando por diferentes áreas do conhecimento, como Educação, Criminologia e Antropologia. Porém, no âmbito institucional, as construções ocorreram de maneira mais lenta que em São Paulo.

O processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro situa-se no ano de 1928, com a criação de uma sucursal da então Sociedade Brasileira de Psicanálise, implantada em São Paulo um ano antes. Juliano Moreira presidiu o grupo e Porto Carreiro foi o secretário.

O grupo teve como principal objetivo, tal qual em São Paulo, promover a divulgação da teoria psicanalítica na sociedade carioca. A filial carioca, também não obteve sucesso, tendo ocorrido sua extinção, aproximadamente um ano após sua fundação.

Em 1940, psiquiatras desejavam obter a formação psicanalítica. Reforçados pela criação, em 1944, do Centro de Estudos Juliano Moreira, formado por psiquiatras do Serviço Nacional de Doença Mental. Entre os quais estava Marialzira Perestrello, que nos auxilia na reconstrução da colcha de retalhos que é a História da Psicanálise no Brasil.

Iniciam-se, nesse momento, tentativas de atrair para a capital carioca, analistas habilitados pela IPA, que pudessem conduzir a formação analítica de possíveis candidatos.

O grupo liderado por Danilo Perestrello iniciou encontros com analistas argentinos, para que os mesmos proferissem palestras no Centro Juliano Moreira. Um dos analistas argentinos que visitaram o Rio de Janeiro foi Arnaldo Rascovsky.

Entretanto, a sondagem acerca de analistas didatas estrangeiros que viessem a residir no Rio de Janeiro, para a formação de analistas, não encontrou êxito. Vários analistas estrangeiros foram sondados, entre eles Georg Giro (Nova Iorque) e Daniel Lagache (França).

Após inúmeras tentativas sem êxito, inviabilizando a formação de analistas, no Rio de Janeiro, por mais algum tempo, um grupo de psiquiatras decide imigrar para a Argentina, em busca de formação. Assim, em 1947, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira foram somar-se a Alcyon Bahia, também do Rio de Janeiro, e a Manoel e Zaira Martins, de Porto Alegre, que já se encontravam em formação na Associação Psicanalítica Argentina.

O objetivo do grupo carioca de trazer para o Rio de Janeiro um analista didata, permaneceu mesmo com a imigração de alguns membros para a Argentina. O grupo remanescente no Rio de Janeiro continuou com a empreitada, quando em 1947, sob a coordenação de Domício Arruda Câmara, funda-se o Instituto Brasileiro de Psicanálise. Inicia-se contato com Jones, então presidente da IPA, para que indicasse um analista didata disposto a instalar-se no Rio de Janeiro.

Com êxito, o grupo carioca acerta com o polonês de formação kleiniana, Mark Burk. O analista polonês chega ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1948. Em dezembro do mesmo ano, um segundo analista vem a fixar residência no Rio de Janeiro. Werner Kemper, médico de origem alemã, que no ano seguinte iniciou a análise de um novo grupo de candidatos e passou a ministrar seminários teóricos junto a Burk.

Apesar desse grande salto no desenvolvimento da psicanálise, no Rio de Janeiro, as divergências logo começaram entre os dois analistas didatas, pois Kemper nomeia sua esposa Katrim Kemper analista didata, sem que a mesma

possuísse formação para isto. Burk questiona essa nomeação, mas Kemper mantém sua decisão.

Surge um fosso defensivo entre os dois grupos, que o tempo não se incumbiu de desfazer, culminando na criação de duas Sociedades Independentes, reconhecidas pela IPA no Rio de Janeiro, a saber: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Junto a esses dois grupos, une-se um terceiro grupo, formado pelos analistas que haviam feito sua formação na Argentina e que agora estavam de volta.

Definidas afinidades e discordâncias, os grupos puderam desenvolver atividades separadamente em busca de reconhecimento interno pelos segmentos social e científico do Rio de Janeiro, e externo pela IPA.

O grupo de Kemper, em 1953, obteve o reconhecimento provisório da IPA, na categoria de Grupo de Estudos, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, sendo promovido à categoria de Sociedade Independente, em 1955, no XIX Congresso Internacional de Psicanálise, que teve lugar em Genebra. Desta forma, o movimento psicanalítico iniciado no Rio de Janeiro, desde a década de 20, atinge o tão almejado reconhecimento com a criação de sua primeira Sociedade.

Já o grupo de Burk, enfrentou sérios problemas. Burk adoece e se vê forçado a retornar a Londres. Seus analisandos se dividiram, devido às circunstâncias, já que ainda estavam em formação. Uma parte do grupo foi para Londres concluir sua formação, outros se dirigiram à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1957, durante o XX Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Paris, este grupo atinge o status de Grupo de Estudos sob o patrocínio e a supervisão da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1959, alcança o reconhecimento definitivo junto à IPA, durante o XXI Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Copenhague, com a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Diante de conturbada história que tange ao desenvolvimento da Psicanálise no Rio de Janeiro, vemos frutíferas contribuições. Contar com duas Sociedades de Psicanálise e dispor de psicanalistas de diferentes centros de formação sob a influência de várias correntes psicanalíticas fez do Rio de Janeiro

um importante centro de construção e aplicação da psicanálise, em vários ramos da ciência contemporânea.

Conclusão

A história da psicanálise no Brasil, particularmente em São Paulo e Rio de Janeiro, revela um percurso repleto de desafios e conquistas que moldaram sua prática e seu reconhecimento no país. Desde as primeiras incursões teóricas de Juliano Moreira e Francisco Franco da Rocha até a formação das sociedades psicanalíticas, o desenvolvimento da psicanálise foi marcado por uma busca constante pela legitimação acadêmica e social.

Em São Paulo, a institucionalização foi mais rápida, impulsionada pela criação de grupos e pela vinda de analistas didatas, como Adelheid Koch. No Rio de Janeiro, o processo foi mais gradual, caracterizado por tentativas frustradas de formação, mas que culminaram na formação de duas sociedades independentes, enriquecendo o cenário psicanalítico com diversas influências teóricas.

Ambos os estados contribuíram significativamente para a inserção da psicanálise em diferentes áreas do conhecimento, refletindo no contexto o cultural e a complexidade das relações entre psiquiatria e psicanálise na época. O estudo das origens e evolução dessa disciplina, no Brasil, aumenta a compreensão da trajetória de profissionais e instituições. Além disso, compreender o desenvolvimento da psicanálise no Brasil, suas origens e como ela se fortaleceu, sobretudo no século XX, permite tecer reflexões sobre o processo de construção de autonomia, como também de diálogos com outros campos do saber. O estudo sobre a história da Psicanálise no Brasil também pode ser importante ferramenta para o pensamento da psicanálise, na contemporaneidade, no país, como também para reflexões acerca de como a psicanálise tem se fortalecido e se sustentado neste período. Ao consolidar essa narrativa, abrimos caminho para futuras pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre a história da psicanálise no Brasil.

Referências Bibliográficas

MOKREJS, E. **A Psicanálise no Brasil**: as origens do pensamento psicanalítico. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MONTAGNA, P. Psicanálise e Psiquiatria em São Paulo. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE São Paulo (Org.). **Álbum de família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 39-48.

PERESTRELLO, M. (1986). Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1989-1937). PERESTRELLO, M. **Encontros & psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-152.

PERESTRELLO, M. (1991). História da Psicanálise no Brasil: o ensino nos institutos. PERESTRELLO, M. **Encontros & Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 155-182.

PERESTRELLO, M. Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 667-674, 1995.

PERESTRELLO, M. **História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PERESTRELLO, M. Vanguardas européias, modernismo brasileiro e psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 445-457, 1994.